



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 27 | 2010

Iconografia religiosa das invocações nacionais

A invocação e o culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada – São Miguel

The cult of the Holy Christ of Miracles in Ponta Delgada – São Miguel

Maria Fernanda Enes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/347>

DOI: 10.4000/cultura.347

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2010

Paginação: 211-226

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Maria Fernanda Enes, « A invocação e o culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada – São Miguel », *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 08 agosto 2013, consultado a 01 maio 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/cultura/347> ; DOI : 10.4000/cultura.347

A invocação e o culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada – São Miguel

Maria Fernanda Enes*

A invocação e a sua imagem

O estudo e reflexão que aqui trago, sobre o culto do *Senhor Santo Cristo dos Milagres* nos Açores – ilha de São Miguel –, enquadra-se no amplo campo temático que a titulação das Jornadas – Iconografia Religiosa das Invocações Nacionais – abrange. A natureza cristológica daquela invocação e a sua compósita formulação – *Senhor Santo Cristo* – abre a hipótese de não ser entendida como substantivação, lida como *O Senhor* e *O Santo*, mas antes como adjectivação. E neste segundo caso Aquele a quem é atribuído o epíteto de *Santo* revela o seu atributo – a *Santidade* – nos milagres que realiza enquanto participação na Santidade que o transcende.

Quero com isto dizer que de alguma forma a invocação do *Senhor Santo Cristo* traz para o nível da singularidade a entidade transcendente da segunda pessoa da Santíssima Trindade, apresentando-se como uma apropriação, por parte dos devotos, de uma vertente específica da natureza divina da entidade referida. Ao estabelecer-se a conexão entre a invocação e uma dada e específica imagem – ícone –, efectua-se a passagem do universal para o particular, para o fenoménico.

Representando aquela imagem o Cristo Sofredor, o *Ecce Homo*, Senhor da Paixão, a intercessão e a protecção, impetradas pelos fiéis, dependem não apenas do que a imagem representa mas da mesma representação.

É um caso paradigmático em que a invocação e a iconografia de suporte surgem indissociavelmente ligadas; o *Senhor Santo Cristo dos Milagres* é aquela imagem (Fig.1), é ela e só



1. Veneranda imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova da Lisboa.

ela que efectua milagres e é a ela que o culto deve ser prestado. Iremos ver como a partir de finais do século XVII se desenvolveu a pedagogia do culto a esta imagem específica, partindo de um mito fundador remetido para os finais da primeira metade de quinhentos, altura em que o povoamento e o enquadramento religioso dos Açores se intensificavam.

Tradição e carácter regional

O painel em que está integrado este estudo remete para o nível da regionalização, das tradições e formas particulares de devoção. De resto, a questão da forma particular de devoção está ligada à especificidade do sensível, da fenomenologia do agir e sentir já aludido no anterior parágrafo. Se bem que toda a forma de piedade envolva a dimensão interior da pessoa pia e, nessa medida, a própria subjectividade do sentir, ela é também universal, objectiva.

Mas não é neste sentido que a regionalização e a forma particular de devoção aqui são entendidas. Elas referem-se à diferenciação deste culto, relativamente à dimensão oficial da hierarquia eclesial e clerical e da sua inserção no calendário litúrgico católico. Uma coisa é certa: a invocação referida àquela imagem específica e, mais ainda, a Festa que lhe é votada revestem-se de um carácter eminentemente regionalista, tanto sob o ponto de vista geográfico, como sociopolítico e também religioso.

A invocação, o culto e a Festa são apropriados pelos açorianos como factores de identidade, como marcas de pertença a uma comunidade, a uma sociedade, à Região Autónoma dos Açores.

Ora o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, porém, não cabe apenas no campo da tradição, entendida como referência a uma construção na temporalidade histórica, que apenas se mantém como memória desse passado mas desligada do presente e suas vivências características. Não, a invocação e o culto do Senhor Santo Cristo apresentam-se ainda nos nossos dias, em tempos de forte laicização da sociedade, como marca identitária constitutiva da açorianidade, ao lado das festas do Espírito Santo.

Todavia, enquanto estas são apropriadas pelas estruturas sociais de base em todas as ilhas do Arquipélago e na diáspora, o culto do Senhor Santo Cristo organiza-se em torno da imagem do *Ecce homo* que se encontra no Santuário do Convento de Nossa Senhora da Esperança em Ponta Delgada.

A festa realizada anualmente apenas nesta cidade da ilha de São Miguel propaga o seu influxo pelas demais ilhas e emigração açoriana. Apesar de esta mesma devoção tomar outras designações em outras localidades do Arquipélago – o Senhor da Pedra no Pico da Pedra em São Miguel e em São Mateus da ilha do Pico –, a festa e a devoção ao Senhor

Santo Cristo dos Milagres do Convento da Esperança têm uma projecção incomparavelmente maior, afirmando-se como um culto regional.

Continuando com a analogia entre as festas dos maiores portadores de profundas vivências religiosas: no Santo Cristo ou no Espírito Santo, a piedade popular tem como epicentro o mistério central do cristianismo, a sua mais profunda universalidade; no entanto, tanto num como noutro caso, constitui-se como eminentemente local, regional e também de matriz popular; as festas do Divino, designação popular das tradicionais festas do Espírito Santo, distinguem-se pelo seu carácter sincrético; as do Santo Cristo pela ligação a um determinado ícone – a imagem do Senhor Santo Cristo que está no coro baixo do Convento da Esperança. Tanto num como noutro caso, elas não dependem em exclusivo da hierarquia diocesana e, embora apoiadas pelo clero, ele não as domina. Organizaram-se e afirmaram-se ao sabor da acção desenvolvida quer pelas comunidades devotas, no caso das festas do Espírito Santo; quer pela piedade de determinadas pessoas cujo envolvimento místico tornou eficaz o alargamento e enraizamento social da devoção, no caso do culto em análise.

Mas deixemos as festas ao Divino de parte... A historicidade do seu culto diferencia-se totalmente daquele que aqui nos ocupa, até porque em finais do século XIV, começos do povoamento, era já uma realidade que não cessaria de evoluir por iniciativa e ao serviço das comunidades locais.

O contexto da emergência do culto – momento fundador

O culto do Senhor Santo Cristo não nasce nas comunidades de base, nem se implanta e desenvolve de forma anímica, imbuindo de sagrado a vivência quotidiana das gentes insulares entregues ao afã da superação das dificuldades, tornadas mais agudas pela indómita natureza de origem vulcânica e pela insularidade. Ele tem a sua origem em comunidades sim, mas nas criadas voluntariamente pelo desígnio da consagração religiosa, onde se buscava a construção da santidade individual em prol da colectiva pela comunhão mística com Deus.

No culto piedoso do *Ecce Homo*, cuja festa recai no tempo pascal, se integram as vias da penitência e desagravo – purgativa – e da glória da redenção de Cristo – contemplativa –, específicas da santidade individual no seio da comunidade monástica. A exemplaridade que vem da Idade Média com São Francisco e Santa Clara, do período clássico com Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, aprofundada e difundida em seiscentos com a devoção barroca franciscana,¹ iria projectar a via do rigor consagrado e a da piedade em torno da figura de Cristo, das suas chagas e do seu sangue redentor.

¹ Cf. as obras do autor paradigmático da espiritualidade franciscana barroca, Fr. António das Chagas, *Obras espirituais*, Lisboa, off. Miguel Deslandes, 1684; – *Obras espirituais póstumas*, Lisboa, off. Miguel Deslandes,

Na ilha de São Miguel

A primeira comunidade monástica feminina da ilha de São Miguel teve a sua origem na decisão, diríamos quase espontânea, de duas senhoras a que se foram juntando outras de se encerrarem numa pequena ermida junto ao mar, num lugar então denominado de Val dos Cabaços da vila de Água de Pau, hoje Caloura, entre Vila Franca do Campo e Ponta Delgada. A conjuntura era favorável ao desenvolvimento místico, de resto incitado pela pregação popular franciscana que nos períodos mais agudos de calamidades naturais orientava procissões mais ou menos espontâneas pela ilha, autênticos cortejos penitenciais.²

Torna-se natural que após 1522, data da subterração da capital da ilha pelo deslizamento de terras provocado por uma crise sísmica com consequências na vaga epidémica que grassara pela ilha nas décadas seguintes, o fervor religioso tivesse impelido aquelas jovens à consagração contemplativa. A premente consciência da contingência, aliada ao convicto sentimento de culpabilidade, impelia à aproximação ao sobrenatural, intensificando a vontade de entrega a Deus.

Assim, a comunidade foi crescendo com o apoio das populações vizinhas e da Câmara de Água de Pau e das gentes da nobreza. A casa anexa à ermida de Nossa Senhora da Conceição foi levantada por iniciativa dos mesmos populares e, com o patrocínio do capitão do donatário, dos franciscanos e do ouvidor do eclesiástico, também convencidos da relevância espiritual da opção.

A descrição que o cronista quinhentista Gaspar Frutuoso nos legou,³ sobejamente analisada criticamente, nomeadamente pela geração positivista de finais do século XIX, do *Arquivo dos Açores*, mostra como se criou ali a primeira comunidade monacal de clarissas cujo padroeiro, o capitão do donatário Ruy Gonçalves da Câmara, mandara buscar a Roma as respectivas Bulas Apostólicas com vista à erecção canónica.⁴

1684; – *Sermões genuínos e práticas espirituais*, Lisboa, off. Miguel Deslandes, 1690; – *Cartas espirituais*, Lisboa, off. Miguel Deslandes, 1736.

² Cf. Maria Fernanda Enes, *Reforma Tridentina e Religião Vivida – Os Açores na Época Moderna*, Ponta Delgada, Signo, 1991, pp.

³ “soando isto por toda a ilha [o encerramento daquelas senhoras na ermida] foi outra vez seu pai ... com pessoas honradas de Vila Franca e alguns padres de S. Francisco, o capitão Rui Gonçalves e o ouvidor do eclesiástico, a ver o que determinava Maria de Jesus e a sua companheira. Mas tanta foi a constância de seu propósito, que nem pai, nem irmãos, nem capitão com sua justiça, nem o ouvidor da Igreja, nem pessoas letradas...as puderam mover nem tirar do que tinham na vontade... e por fim disse o capitão: isto é obra de Deus...” Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra* (1580), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981, Lv. IV, vol. II, pp. 341-349, cit. p. 344.

⁴ *Ibidem*, p. 347.

Aí se manteve a comunidade até cerca dos anos quarenta, período em que se intensificou não só a ameaça da peste mas também a dos corsários. Estas ameaças e o crescimento excessivo da população conventual relativamente à exiguidade do convento encrustado na rocha junto ao mar motivaram a deslocação para outras paragens.

Dividida então a comunidade, o grupo mais numeroso e socialmente mais relevante instalou-se num Convento de Santo André de Vila Franca, construído para o efeito; as restantes foram um pouco mais tarde para Ponta Delgada e constituíram o embrião do Convento da Esperança, invocação da ermida em torno da qual se construiu o respectivo convento, a expensas de outros protectores e sob a vigilância atenta da Província franciscana, cujo convento lhe estava contíguo.⁵

A imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres – a ocultação

A tradição difundiu a ideia de que o Papa, talvez Paulo III ou Clemente VII, juntamente com a concessão às clarissas das Bulas referidas, aquando da deslocação de duas delas a Roma, também lhes havia oferecido uma imagem-sacrário do *Ecce Homo*. E, não obstante o silêncio a esse respeito no relato frutuosiano, nem por isso deixou de ganhar autoridade tal ideia. Ela foi fortalecida pelo relato do naufrágio sofrido nas costas da ilha pelo barco em que era transportada. O desaparecimento nas águas oceânicas e posterior aportação à costa, precisamente no lugar onde se encontrava o conventículo do Val de Cabaços,⁶ veio originar a aura de taumaturgia que lhe está indelevelmente associada. Não sem antes, porém, ter conhecido um longo período de ocultamento.

Aquele é o momento fundador do mito que irá servir de base à força taumatúrgica do ícone de rara beleza e força expressiva. Como todos os mitos, sempre tardios relativamente ao acto primordial narrado, e que foge à verificação, também este se formula tardiamente. Ao silêncio do salamantino de quinhentos associa-se o mutismo dos cronistas franciscanos de seiscentos.

Frei Diogo das Chagas, vigário provincial nos Açores em meados de seiscentos, na sua monumental obra *Espelho Cristalino e Jardim de Várias Flores*⁷, em que regista os factos mais relevantes, seguindo de resto as descrições de Gaspar Frutuoso para os primeiros tempos do povoamento e aditando outros até à sua época, apoiado nos arquivos da ordem

⁵ *Ibidem*, pp. 348 e ss.

⁶ A notícia mais clara da procedência desta imagem está no texto dos primeiros estatutos da Irmandade do Senhor Santo Cristo, datados de 21 de Abril de 1765, portanto mais de dois séculos após o facto narrado. *In* Convento da Esperança de Ponta Delgada, Arquivo da Irmandade do SS Cristo dos Milagres.

⁷ Que só conheceria edição no ano de 1989, dirigida por Artur Teodoro de Matos, Ponta Delgada, Secretaria Regional de Educação e Cultura e Universidade dos Açores.

seráfica que desde os inícios havia enquadrado todas as ilhas⁸, refere-se ao Convento da Esperança “de nossa obediência”, fundado pelas freiras do primeiro convento de clarissas, que, “por serem as mais pobres”, não foram para Santo André.

Justifica ainda a desvinculação do padroado do capitão do donatário, na exigência de um mais profundo rigor e fidelidade à regra franciscana – clarissas –, pelo que teriam ficado directamente sujeitas ao respectivo comissário.⁹ Não refere, porém, a imagem que, volto a repetir, segundo a tradição teria acompanhado as freiras mais pobres, entre as quais se encontrava a sua mais estrénuo devota, Inês de Santa Iria.

Um outro cronista, Fr. Agostinho de Mont’Alverne¹⁰, que escrevera *as Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, ou seja, a história franciscana, também não refere a existência da imagem nem de qualquer culto sob a invocação de Senhor Santo Cristo ou do *Ecce Homo*. Este silêncio é tanto mais de estranhar quanto a crónica se reporta em especial à obediência franciscana até ao ano de 1695 e o seu autor exercera o cargo de comissário a cuja obediência estava sujeito aquele convento da Esperança, de estrita observância.

Acresce a estas circunstâncias o facto de, ao contrário do rigor típico de Frutuoso e de Chagas, Frei Agostinho de Mont’Alverne utilizar um estilo efabulatório e fantasioso, bem ao gosto da historiografia seiscentista de matiz alcobacense, o que impediu que as suas crónicas fossem tidas como fontes pelos historiógrafos de pendor positivista e de terem sido tão tardiamente editadas.

Impõe-se a pergunta: Porque não introduziria ele, então, um facto assaz notável como a existência de uma imagem portadora de história tão singular e tão relevante para a afirmação da sacralidade da mesma: a doação do Sumo Pontífice e o aportamento miracu-

⁸ Existiam conventos franciscanos em todas as ilhas do Arquipélago, com excepção do Corvo; em São Miguel existiam seis, três na Terceira e dois na ilha do Pico.

⁹ *Espelho Cristalino*, p. 148 e p.150 e ss. Em apêndice Fr. Diogo das Chagas transcreve um documento onde se pode ler o seguinte: “... que por o ditto Mosteiro [do Val dos Cabaços] não estar em lugar conveniente, as freiras e a Abadessa, que então eram do dito se determinaram mudar, e as freiras mais principais e mais ricas, e a sua Abadessa se mudarão pera Villa Franca, e ahi ordenarão hum mosteiro, que ora hy está muito nobre. // Que algũas sete, ou outo freiras pobres ficarão no ditto mosteiro e por ahi estarem mal, e o ditto A. [Manuel Gonçalves da Câmara, filho do capitão do donatário padroeiro, entretanto falecido] as não prover, se sahirão dahi, e ordenarão com esmolos, e ajuda dos fiéis christãos hum mosteiro na Ponta delgada, o qual d’effeito ordenarão ... // Que des que o ditto mosteiro foi fundade ate agora, sempre ellas// tiveram seus syndicos, e procuradores, e mordomos, e por estarem mais religiosamente, derão a obediência ao Guardião, e Commissairo do mosteiro de S. Francisco de frades claustrais, que na ditta Ilha e cidade ha, e por elles foram sempre visitadas, e lhes deu sempre confessores.” pp. 629 e ss.

¹⁰ Frei Agostinho de Kmonte Alverne, *Crónicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 3 vol. (séc. XVII), 1.ª ed. Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1960-1963.

loso às costas da Caloira após o naufrágio? No entanto, é consenso generalizado que a imagem de madeira policromada, venerada hoje no Convento da Esperança, parece ser renascentista, embora nenhum dos estudiosos que sobre ela dissertaram o afirmem com total segurança.

Há uma outra vertente deste ocultamento mais estranha que o silêncio sobre a imagem e a invocação, aquando da história dos Conventos onde a tradição coloca o seu nascimento. A associação privilegiada da vida consagrada contemplativa e a construção da santidade foram uma realidade que se impôs no devir histórico. As clarissas da Esperança não fugiram à regra. Num dos primeiros processos de santidade, datado de 1634 e coligido pelo visitador do Bispado, reporta os testemunhos dos milagres da freira Inês de Santa Iria em ordem ao processo de beatificação. Esta foi uma das primeiras freiras da Esperança a quem a tradição atribui a presença daquela imagem neste convento e não no de Santo André de Vila Franca. Lógico seria então que na narrativa dos milagres surgisse a referência à taumatúrgica imagem do *Ecce Homo*, ou ao menos a uma especial devoção e à invocação do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Como explicar que nunca lhes seja feita qualquer referência? Frei Diogo das Chagas é relativamente parco nas informações: transcreve a *Carta Testemunhal*¹¹ para sustentar o relato que a respeito da dita monja faz no seu texto, contornando assim as narrativas fantasiosas. A autoridade dos relatores, pessoas de prestígio e algumas companheiras da Beata Inês, beneficiadas por curas miraculosas, por intercessão de relíquias da clarissa, funcionaria como prova de veracidade. A fama de santidade, que tinha justificado a divulgação do tratamento de Beata e o recurso à sua intercessão, vinha das provas em vida, da sua inquebrantável fé, da entrega à oração e aos exercícios de penitência continuada. O paradigma da santidade que parece transparecer dos mesmos factos relatados aproxima-se da identificação com Cristo da Paixão, de resto bem ao estilo do modelo das clarissas – Santa Clara.

Tão estranha quanto a ocultação total da invocação e imagem do Senhor Santo Cristo em Diogo das Chagas é a referência ao *Ecce Homo* em Agostinho de Mont'Alverne, coetâneo de Madre Teresa da Anunciada (1658-1731). Reportando a exemplaridade da vida da clarissa de Val de Cabaços – Inês de Santa Iria – e seguindo informações do Arquivo da Ordem, afirma:

...em uma procissão que foi pelo Campo, em Quinta-feira Maior, onde naquele tempo levavam uma imagem do *Ecce Homo*, que ainda hoje está na Misericórdia, no altar onde dizem

¹¹ “Artigo 4.º. Em que se botão os testemunhos de algũas pessoas, que diante, digo tirados do instrumento e carta testemunhavel” in Fr. Diogo das Chagas, *Espelho Cristalino e Jardim de Várias Flores*, pp. 636-643.



2. Perfil do rosto.

missa aos doentes na enfermaria, parando os que levavam esta santa imagem, sem saberem quem os fazia parar, entrou com ela no coro, e no cantinho em que estava orando, lhe falou, todo banhado em sangue – ainda que és minha e eu todo teu, eis aqui o estado em que me puseram os homens...¹²

Realmente há aqui a afirmação da existência de uma imagem do *Ecce Homo* (Fig. 2) nos tempos promordiais do mito, no século XVI, porém, não pertencia ao Mosteiro da Esperança mas sim à Misericórdia, ao tempo também sob alçada franciscana.

O relator, seguido pelo cronista, não estabelece qualquer ligação desta imagem com o conventículo de Nossa Senhora da Conceição da Caloira

nem com a eventual oferta papal. Todavia, não restam dúvidas de que a devoção ao *Ecce Homo* e a centralidade da espiritualidade cristocêntrica estão presentes nos momentos iniciais do Convento da Esperança, o que não é de admirar se pensarmos na espiritualidade dos fundadores São Francisco e Santa Clara estigmatizados.

O autor das *Crônicas*, porém, refere-se a Madre Teresa da Anunciada como a apóstola de Cristo sob esta invocação.¹³ Entrara no Convento da Esperança em 1681¹⁴ e não cessaria de pugnar pelo incremento do culto a uma imagem que encontrara, mais ou menos abandonada, em uma capela no interior da cerca conventual dedicada a Nossa Senhora da Paz. O biógrafo de Teresa de Anunciada, Padre Clemente, na sua obra *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada* fez um denodado esforço por apresentá-la como dotada de uma missão espiritual ao serviço da difusão devocional a Cristo sofredor. Estamos em face de uma hagiografia em que a imaginação cumpre a função de autoridade, tendo, ainda assim,

¹² Ag. De Mont'Alverne, *Crônica da Província de S. João Evangelista nas Ilhas dos Açores*, v. II, p. 73.

¹³ "Tem este mosteiro uma imagem do *Ecce Homo* de muita veneração, fazendo-se-lhe uma capelinha na em pena do coro baixo. Sóror Tereza da Anunciada, por ser sacristã desta imagem dava de comer aos homens que nela andavam trabalhando, sucedeu em sexta-feira, onze de Abril de 1698, que não tendo pão ... abrindo o armário lhe caíram trinta e cinco pães com que ficou desmaiada..." Ag. De Mont'Alverne, *O.c.*, p.82.

¹⁴ Após a oposição sucessiva de seus familiares e a obtenção de autorização por parte do provincial dos franciscanos, obteve a concessão de dote de seu cunhado Manuel Fernandes Teixeira. Arquivo de Ponta Delgada, Ministério das Obras Públicas/-CONEPDL/166, Liv. N.º 8 (1555-1700), fls. 766.

conhecido mais de duas dezenas de edições. A devoção popular interpretou a narrativa como a exaltação da imagem do Senhor Santo Cristo e menos como prova de santidade de Madre Teresa. Este livro é conhecido pelo vulgo como o *Livro do Senhor Santo Cristo*. A relação pessoal de Teresa com o *Ecce Homo* apresenta-se apenas como meio de exaltação. Cito um significativo excerto do relato do biógrafo:

Representou-se-lhe em huma noite, que tinha na mão hum ramo de assucenas, tão bellas e engraçadas, que ... determinava offerece-lo à imagem. Caminhando com este intento para o coro baixo, encontrou huma dilatada procissão, e no fim della o Senhor com a Cruz às costas, todo ferido, e emanando rios de sangue.¹⁵

É uma constante a participação da devota no sofrimento redentor. Esta convicção esteve na base do apoio às práticas devocionais, desde as novenas dos espinhos até às vigílias e procissões.

Esta clarissa quis e conseguiu transportar a imagem para um lugar mais digno no interior do espaço sagrado do convento, no coro baixo da capela de Nossa Senhora da Esperança. Mas tal ocorre mais de século e meio volvido sobre a fundação do próprio mosteiro de Ponta Delgada.

O esplendor do culto do Senhor Santo Cristo

Efectivamente com a devoção de Madre Teresa, cessa o período de ocultamento; abre-se o da efectiva criação do culto da imagem que lhe dá corpo. É ela a grande artífice do culto do Senhor Santo Cristo, como hoje o conhecemos.

As primeiras obras do coro baixo foram efectuadas sob a sua orientação. A medida da espiritualidade em torno do Senhor Santo Cristo é a da construção da santidade de sua apóstola. Ou seja, todo o processo de veneração da imagem foi acompanhado por actos miraculosos atribuídos à imagem ou à própria Teresa.¹⁶

O relator da vida de Teresa no Convento da Esperança, e da sua odisseia em revitalizar a devoção a Santo Cristo, pinta-nos um quadro verdadeiramente épico, onde as citações de milagres operados pela imagem são recorrentes. Estamos perante uma hagiografia em que a imaginação cumpre a função da autoridade. Todavia, o que nos interessa, pelo facto de o esforço da freira ter sido bem sucedido, é salientar que a apresentação que se faz da ima-

¹⁵ P. José Clemente, *Vida da Venerável Teresa da Anunciada*, Lisboa, off. de Lino da Silva Godinho, 3.ª ed., 1824, p. 89.

¹⁶ O biógrafo foi o Presbytero do Oratorio de S. Filipe de Neri, José Clemente, O.C.



3. Azulejos do coro baixo.

gem do Senhor Santo Cristo é a da taumaturgia. Os milagres por ela operados estão directamente relacionados com a expressão de dor, os suores de água ensanguentada que escorre da sua face flagelada, a tristeza profunda do esquecimento a que o seu culto havia sido votado, a ausência de práticas penitenciais, nomeadamente a da flagelação. À semelhança de Teresa de Ávila, também a da Anunciada se vê confrontada com o sangue de Cristo na sua própria boca, após a recepção da hóstia consagrada. Foi a convicção desta, e de outras freiras que a apoiaram na sua determinação devocional, nomeadamente da sua irmã de sangue e também de religião, Joana, que acabou por impor a prática da procissão do Senhor Santo Cristo que se efectua desde os inícios do século XVIII, ano de 1700 ou 1703.¹⁷

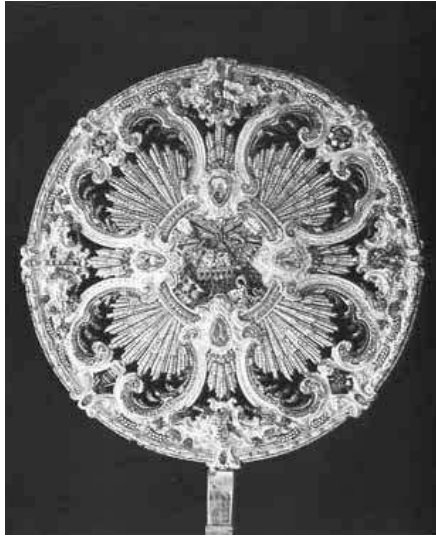
O fervor piedoso desta freira moveu a compreensão generosa das autoridades e da aristocracia da ilha de molde a conseguir dignificar o espaço sagrado e as alfaias litúrgicas que, no seu entender, eram indispensáveis à dignificação da santa imagem. Movimento que se prolongaria muito para além da acção directa de Teresa da Anunciada. Na realidade, múltiplas são as certidões de doação por parte dos condes da Ribeira Grande,¹⁸ que de geração em geração mantiveram a protecção deste culto; diversas foram as isenções régias, dentre as quais se deve destacar o alvará de mercê de 12 mil réis que S. Majestade

¹⁷ Cf. *Senhor Santo Cristo* (texto: Margarida Sá Nogueira), Ponta Delgada, Ver Açores, 2007, p. 32.

¹⁸ Múltiplas são as jóias integradas no Tesouro do Senhor Santo Cristo, doadas por esta família, conforme certidões no dito tesouro no Convento da Esperança em Ponta Delgada.

4. Resplendor.

5. Cepetro.



fez à imagem do *Ecce Homo* das freiras da Esperança, em 1701,¹⁹ e das autoridades da ilha em relação a isenções de impostos ou atribuição de donativos.²⁰

O revestimento de azulejaria portuguesa, da Real Fábrica do Rato, do coro baixo representa a humanidade de Cristo (*Fig. 3*). Nos painéis estão representadas as cenas do nascimento e da paixão, sendo ainda contemporâneos de Madre Teresa. A igreja encontra-se revestida também de painéis de azulejos recentes, com a figuração dos milagres e feitos de Madre Teresa da Anunciada.

As jóias esplendorosas, quase todas peças de ourivesaria de finais de seiscentos e de setecentos, integram resplendores, o mais belo dos quais é de platina revestida a ouro e incrustações de pedras preciosas, diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, ametistas e topázios²¹ (*Fig. 4*); ceptros majestosos cobertos de pedras preciosas e integrando jóias pessoais de famílias, nomeadamente a Cruz da Ordem de Cristo e de Malta²² (*Fig. 5*); coroas de espinhos também elas de ouro, diamantes e rubis (*Fig. 6, p. seguinte*); relicário, também

¹⁹ Arquivo Ponta Delgada / ACD – Alfândega PD /003/1363, *Livro oitavo dos registos* (1686-1743), fls. 272.

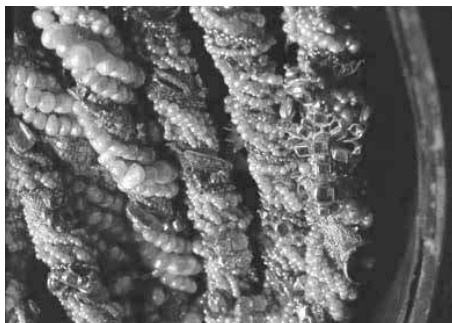
²⁰ *Idem*, MON – CONV PD/002, doc. N.º 21; ACD – Alf. PD /003/1365, *Livro de registo /1727-1812*, fls. 348.

²¹ Segundo carta do 6.º conde da Ribeira Grande (Luís António J. M. Gonçalves, 1754-1802), dirigida a 15 de Janeiro de 1786 a Madre Quitéria: “E como por minha ordem remeteu António Luís o diadema do Senhor Santo Christo espero que o mesmo Senhor tenha permitido que o navio chegasse a tempo”. Arquivo particular de Hugo Moreira.

²² Esta havia pertencido, segundo inscrição no verso de uma das folhas, ao 4.º conde da Ribeira Grande.



6. Coroa de espinhos.



7. Pormenor das cordas.

peça notável de joalheria portuguesa do século XVIII; cordas de aljófares, pérolas e jóias familiares (Fig. 7). Todo este rico tesouro encerra a devoção profunda de destacadas figuras e de devotos anónimos movidos ao despojamento por piedade profunda ao *Ecce Homo*.

As 25 capas, destinadas a cobrir o busto, são todas elas em seda natural, brocado, bordadas a ouro e com maior ou menor número de jóias incrustadas. Umas são obra das próprias freiras do convento, mas a maioria é oferta de fiéis. De destacar a capa feita do mesmo tecido do manto real de D. João V, oferecida pela rainha D. Mariana de Áustria e outra oferecida pelo franciscano Frei Francisco das Chagas (n. 1703). As esmolas dos fiéis, em cera e em dinheiro, mantêm um elevado nível. Em 1782 orçava o montante de um milhão setecentos e trinta mil cento e setenta e quatro réis.

Tratando-se de um culto passional, integra-se no tempo pascal. Associa ao carácter penitencial, que a procissão ainda hoje mantém, a alegria da dimensão redentora do sofrimento, que os enfeites da própria imagem denotam. A convicção mantida até aos nossos dias de que a procissão constitui um acto de desagravo a Cristo sofredor move muitos crentes a incorporarem-se nela descalços, carregando pesados fardos de cera, fazendo de joelhos o percurso à volta do Campo de São Francisco (largo em frente do convento), em regra em cumprimento de votos. A multidão que a segue traja de negro em sinal de luto. A taumaturgia da imagem manifesta-se nos múltiplos pedidos atendidos que os ex-votos de madeira, tela ou bronze atestam (Fig. 8).

Esta festividade tem ainda uma componente de sociabilidade comunitária, em torno de uma mesma vivência que une pobres e ricos, letrados e iletrados. Numa sociedade ainda fortemente segmentada, a visita à igreja, para onde a imagem se desloca do coro-baixo do convento, em cortejo processional no sábado da festa, para passar em frente da imagem milagrosamente expressiva, constitui um momento impressionante de fraternidade.



8. Exemplo de ex-votos.

Todos aguardam em fila pela sua vez, todos se sentem igualmente pecadores em face do Senhor Santo Cristo.

À festa do Senhor Santo Cristo está associada uma irmandade – Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Os primeiros Estatutos datam de 21 de Abril de 1765. Neles se faz o historial resumido da imagem e se afirma o voto da procissão por ser “do devino agrado que no dia 11 de Abril de cada hum anno se lhe fizece hum publico festejo para seu mayor culto”.²³ Neles se estatuem os direitos e deveres dos irmãos, a composição da Mesa, o seu objectivo, a difusão e sustentação do culto do Santo Cristo, as quotas dos irmãos. Todavia, a guarda e a organização do culto ficaram sempre nas mãos das freiras do convento da Esperança. Cabia-lhes também o transporte do andor nas diversas procissões no interior do convento que precediam a festa.

À Irmandade compete organizar os aspectos exteriores do culto, nomeadamente ordenar a procissão, a ornamentação do percurso, contratar as bandas de música, os sacerdotes e os diversos corpos de autoridades civis e militares. Cabe-lhe a ornamentação do frontal da igreja com motivos da paixão – cravos, martelo, cruces, espinhos, etc. – profusamente iluminado; tratar do fogo-de-artifício ou, simplesmente de ruído, de modo a assinalar as festividades. Estava-lhe ainda cometida a função de recolha das esmolas pelas portas dos

²³ Cf. *O Convento de Nossa Senhora da Esperança e o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres – Comemoração do tricentenário da Procissão*, Ponta Delgada, Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, 2000.

fiéis e da venda dos círios que os mesmos desejassem comprar e queimar. A esta irmandade pertenceram as figuras mais destacadas da sociedade micaelense, tradição que ainda se mantém, entre as quais rotativamente cabia a função de mesários. Como irmãos, solidários na paixão de Cristo nos actos dos vivos e sufrágios dos mortos, podiam participar todos os crentes.

Em 1832, com a lei de supressão dos conventos masculinos e de impedimento de entrada de noviças para os femininos nos Açores, o Convento da Esperança foi duramente afectado. Tinha, porém, um número considerável de freiras que garantiram a manutenção do culto do *Ecce Homo*, sem grandes flutuações, não obstante o envelhecimento da comunidade. Entretanto, a irmandade procurou junto do governo do reino em 1894 que fossem para ela transferidos os bens do Convento da Esperança, o que lhes foi negado.²⁴ Não obstante todas as espoliações a que estiveram sujeitos os bens dos conventos, durante o período liberal, nomeadamente aquando da referida extinção, os bens deste convento montavam em 1860 a um total de cerca de vinte e um contos de réis, o que à época representava uma fortuna. Hoje a Irmandade reparte com as freiras do Convento da Esperança as responsabilidades da manutenção do culto.

O culto e as suas expressões festivas

Como já se referiu, o culto do *Ecce Homo* sob a invocação do Senhor Santo Cristo toma consistência verdadeiramente no dealbar do século XVIII. A primeira procissão ter-se-ia efectuado entre 1698 e 1701.

Cedo se começou a realizar anualmente, apenas com três excepções, em que se efectuariam fora do tempo previsto. Uma delas foi a do ano de 1713, aquando de uma forte crise sísmica que cessaria no momento em que a imagem, assim reza a tradição, caindo, teria tocado a terra. Foi a partir dessa data que a invocação passou a integrar o epíteto “dos Milagres” – Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Trata-se de uma manifestação complexa: há um primeiro cortejo processional privado, em que só as freiras participam e os membros da irmandade podem assistir de fora do circuito, porque ele se faz por território da clausura para os claustros até ao quarto da Roda onde se procede à ornamentação da imagem para a festa. De resto, o facto de esta imagem estar no coro baixo, separado da igreja aberta a todos os crentes por enorme grade, revela a apropriação pela comunidade monacal desta forma específica de culto do Senhor; pelas 16h30 bate à porta do quarto da Roda o Provedor da Irmandade. Esta

²⁴ Cf. APD, Ministério das Obras Públicas – Convento da Esperança de Ponta Delgada, n.º 160, 4 de Maio de 1894.

abre-se e surge então o andor preparado com a imagem revestida das mais sumptuosas vestes e símbolos da realeza – coroa e ceptro –, adornado com o resplendor da Santidade e o medalhão relicário, visíveis as cordas evocando o *Ecce Homo*, o da flagelação. Este é o momento em que a imagem sai do espaço conventual para o secular, em que é confiada à irmandade. Dá-se início ao que é conhecido como a procissão da mudança. É nesta que as práticas penitenciais, as promessas, adquirem maior significado; já no altar da igreja, é então feito o sermão da mudança e, a partir daí, até à hora da missa da festa do dia seguinte, ela fica exposta e aberta à recepção de todos os devotos. É neste momento que a fraternidade cristã fica mais patente. Durante o resto da tarde e por toda a noite há uma fila consistente de fiéis, sem qualquer diferenciação funcional, social ou de classe, que aguarda a vez de se aproximar da imagem venerada. A grande procissão, que integra todas as autoridades civis e eclesiásticas, membros de todas as corporações religiosas ou laicas e profissionais, largas dezenas de milhares de fiéis vindos de toda a parte onde existem açorianos, e não só, inicia-se por volta do meio da tarde para retornar à igreja já noite cerrada; o recolher da imagem não tem lugar antes de, postada à porta da Igreja, receber a guarda de honra dos militares, bombeiros, corpos de escuteiros e da grande multidão reunida no Campo de São Francisco. Uma impressionante salva de tiros da marinha e de fogo encerram o cortejo processional e, de novo, o regresso da veneranda imagem ao recesso clausal.

A longevidade e a adesão ampla da sociedade diocesana a este culto foram-se lentamente impondo à hierarquia diocesana. É que, nem a supressão dos conventos em 1832 por Mouzinho da Silveira em terras açorianas, nem a extinção das ordens religiosas por Joaquim António de Aguiar em 34, impediram a continuidade. Parece que antes a reforçaram. Apesar da espoliação dos bens, repetida na República, as dádivas dos fiéis em dinheiro, cera, jóias mantiveram a riqueza do Convento.

Efectivamente, em finais do século XIX, após a morte da última clarissa, o culto foi mantido pelas senhoras recolhidas naquele convento. A nacionalização dos bens conventuais não impediu a sobrevivência nem do culto nem da comunidade sustentada pela generosidade dos fiéis. Nos inícios do século XX este convento, foi povoado pela congregação de São José de Cluny. A sua vocação para o magistério levou-a à construção de um colégio para onde se mudaram, vindo a ser substituída pela congregação espanhola das Religiosas de Maria Imaculada, que ainda continua a sua meritória obra assistencial e o zelo da imagem e do culto.

O arraigamento do culto na população açoriana é expresso, também, pela difusão dos “registos” (*Fig. 9, p. seguinte*) da veneranda imagem pelos lares micaelenses. Acompanharam os emigrantes que em grandes contingentes abandonaram estas ilhas



9. Exemplo de "registro".

em busca do *el dorado* americano, culto recuperado nas comunidades recém-implantadas nas terras de acolhimento.

A crescente participação nas devoções em torno da imagem e talvez o reconhecimento da validade pastoral deste culto diocesano levaram o prelado angrense no último quartel do século XX a elevar à categoria de Santuário a Igreja do Convento da Esperança e a transformar a festa do Senhor Santo Cristo numa das mais destacadas no âmbito diocesano.

Nota: as imagens foram retiradas da publicação em Honra do Senhor Santo Cristo, editada pela Irmandade, cuja citação fazemos no corpo do texto.